

# LEITURA E ESCRITA DO EDUCANDO DO PROEJA POR MEIO DO GÊNERO TEXTUAL

Aline Flach Von Dentz  
Ana Paula Boff (Orientadora)

## RESUMO

Neste artigo discutimos sobre leitura e escrita com o aluno do PROEJA, para isso delimitamos como objetivo geral: investigar como trabalhar as práticas pedagógicas de leitura e escrita com o aluno do PROEJA. Apresentamos uma sistematização de aspectos conceituais sobre a leitura e a escrita. Essa pesquisa de caráter bibliográfico tem como interlocutores autores atuais que se adéquam ao assunto e ao objetivo da pesquisa. Fundamentamos este estudo de caráter teórico/descritivo em pesquisadores como: Quiossa (2009), Gonçalves (2010), Wood Junior (2013), Koch (1998) entre outros. Os resultados apontaram que o gênero textual é o melhor meio de desenvolver a leitura e a escrita que ajuda o educando em sua vida social. Constatamos que o gênero textual, no PROEJA, pode enriquecer muito o processo de ensino e aprendizagem além de dinamizar as aulas e estimular o senso crítico dos educandos.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. PROEJA. Gênero Textual.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao acordar pela manhã, cumprimentarmos nossos familiares, tomar café, ligar a televisão ou até mesmo o rádio, no caminho para o trabalho e até o final do dia nos deparamos com diferentes gêneros textuais, escritos ou falados. Também, como temos roupa para cada ocasião da qual iremos participar, assim é a nossa língua, para cada situação um gênero textual, que precisa ser interpretado e compreendido para que haja uma interação social.

Na ausência da interpretação e compreensão textual, muitos não sabem o quê fazer quando não há entendimento de um exercício que a professora mandou de tema de casa para o filho ou quando há contratos para ler e assinar. Diante dessas dificuldades, a pesquisa tem o objetivo de investigar como trabalhar as práticas pedagógicas de leitura e escrita de maneira que haja uma real contribuição e influência no desenvolvimento da interpretação e compreensão textual pelo aluno do PROEJA.

A pesquisa inicia-se conceituando a leitura e a escrita, na sequência apresentamos uma seleção de autores que dialogam sobre a importância da leitura e da escrita na vida do ser humano e, também, alguns autores que falam sobre o gênero textual, seu conceito e importância nas salas de aula. E por final, os resultados apresentados por autores sobre práticas pedagógicas de leitura e escrita para que as experiências e as reflexões possam ajudar práticas posteriores a apresentar maiores êxitos.

Muito se fala da importância da leitura e da escrita para um bom desenvolvimento cognitivo e social das pessoas. Porém, despertar algo benéfico que além de levar lazer para as pessoas, vai contribuir no seu desenvolvimento intelectual, pessoal, profissional, social e cultural é um grande desafio, por isso se faz necessário uma pesquisa e um estudo detalhado. Portanto, a relevância deste artigo recai sobre a importância de estudar e refletir sobre a literatura presente sobre o assunto e a possibilidade de fazer destas bases teóricas, o primeiro passo para novas e transformadoras práticas pedagógicas.

## **2 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS**

### **2.1 Tipo de estudo**

A metodologia indica o caminho a ser percorrido, o modo como fazemos a pesquisa. Toda metodologia requer a pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é indicada a fim de proporcionar melhor visão do problema, ou torná-lo mais específico. Segundo Gil (1987, p. 48), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Mediante a necessidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas: leitura e escrita, a realização deste artigo baseou-se exclusivamente na pesquisa bibliográfica. A partir de autores já conceituados e conhecidos, como: Quiossa, Gonçalves, Wood Junior, Koch, Marcuschi, Machado, Bakhtin, Kleiman e outros, foi feita uma reflexão que poderá oferecer novas descobertas que proporcionará consequências em muitas áreas de estudos e na vida do educando.

A partir desse levantamento bibliográfico foi realizado o ordenamento e a análise da bibliografia selecionada. Essa análise foi feita de acordo com a temática e os objetivos propostos pela pesquisa.

A análise foi feita em concomitância com os objetivos da pesquisa, a opinião e estudo de diversos autores em tempos e locais distintos e a minha própria reflexão a respeito do problema e do objetivo central do trabalho.

## **3 LEITURA E ESCRITA: MEIOS PARA COMPREENDEREMOS A VIDA DO EDUCANDO DO PROEJA**

### 3. 1 Conceituando a leitura e a escrita

Para dar início ao estudo das práticas pedagógicas, leitura e escrita, buscou-se a definição destes termos em autores, já estudados sobre essa temática. No entender de Zilberman (2009), a leitura se consolidou como prática, nas suas várias acepções. Produto da escola e critério para ingresso e participação do indivíduo na sociedade, veio a ser valorizada como critério, para diferenciar o homem alfabetizado e culto do analfabeto e ignorante. O ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por consequência, do dinheiro e da fortuna.

O ato de ler, para Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Já, para Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor - que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”.

Mediante os significados, difícil é imaginar, um ser humano não saber ler ou ainda saber ler, mas não saber compreender o que leu. Assim, muito mais do que simplesmente ler, o importante é ler e compreender. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 53), instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico Prática de leitura, apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Para Pontecorvo (2003, p. 128):

A língua escrita não é considerada como simples transcrição gráfica, ou visual-ortográfica da língua oral, em decorrência o domínio do código alfabético é uma condição necessária, mas não suficiente, para o acesso direto aos textos escritos.

A escrita é mais do que juntar simples letras e também, o saber escrever não basta para compreensão e interpretação. Assim, compreendemos que não basta saber ler ou escrever, precisamos explorar a capacidade de interpretar e compreender das pessoas.

Paulo Freire, grande educador, além de priorizar a leitura e a escrita ainda aborda a leitura do mundo como algo importante. Freire (1996, p.81), explica:

Como alfabetizar sem conhecimentos precisos sobre a aquisição da linguagem, sobre linguagem e ideologia, sobre técnicas e métodos do ensino da leitura e da escrita? Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho faz e isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura de mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

Leitura e escrita, algo que precede a leitura do mundo. Leitura de mundo esta, que acontece a partir do que cada pessoa consegue compreender e interpretar daquilo que lê ou escreve.

### **3.2 O PROEJA e o seu educando**

O PROEJA é um programa do governo federal, intitulado “Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos”, foi criado em 13 de julho de 2006 e além da educação básica leva até o aluno uma educação profissional. Segundo Ramos e Brezinski (2014, p.48) “trata-se de um programa que foi concebido como uma proposta educacional e pretende se consolidar como parte de uma política de inclusão social e emancipatória”.

Pessoas acima de 15 anos que não conseguiram concluir os seus estudos podem participar do programa e ainda se profissionalizar em uma área. O PROEJA é mais que um projeto educacional. Ele, certamente, será um poderoso instrumento de resgate da cidadania de toda uma imensa parcela de brasileiros expulsos do sistema escolar por problemas encontrados dentro e fora da escola. (BRASIL, 2007a, p. 1-2)

## **4 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: LEITURA E ESCRITA CONSCIENTES**

A escola tem a função social de levar o seu aluno a uma emancipação social através do ensinar a interpretar e compreender o mundo fora da escola. E essa função tem como articulador o professor, é o professor que vai dar de si para que haja o desenvolvimento da leitura e da escrita do aluno para que este possa interagir na sociedade.

Quando lemos, lemos porque queremos entender algo, assim o professor precisa internalizar essa afirmação e fazer dela seu objetivo em sala de aula. Raimundo (2007, p. 107)

explica:

Quando questionamos o papel do educador que é também cidadão, vê-se que facilitar o processo de leitura é uma questão pública. Todos têm o direito de ler e principalmente entender o que se está lendo. Portanto é dever do Estado propiciar a todos os cidadãos esta habilidade, favorecendo a informação, a comunicação e a educação da sociedade brasileira. E quando se fala em facilitar o processo de leitura, pensa-se em aplicar nas aulas de leitura uma metodologia capaz de despertar no aluno o gosto pela leitura, o prazer de ler.

O professor por mais árdua que seja, tem a responsabilidade de pelo menos tentar despertar o gosto, o prazer ou a necessidade de ler no aluno e ainda fazer com que ele possa ler, entender e interagir com o outro. Segundo Raimundo (2007, p. 113):

Vemos que muitas escolas apresentam um discurso ditatorial, não ouvindo os pais e seus filhos. Muitas vezes o discente lê apenas o que é obrigado pela escola para ser avaliado e aprovado, o que gera uma leitura sem envolvimento, sem motivação; outras vezes lêem apenas resumos ou resenhas para conseguirem uma boa nota. Tudo isso está bem longe de ser uma metodologia que possa formar um leitor crítico.

Ainda o professor do PROEJA, tem uma responsabilidade ainda maior, pois ele precisa despertar a leitura, a interpretação e a compreensão em adultos, o que ele sabe que não vai ser fácil, mas que valem a pena à medida que os alunos começam a refletir e ter suas próprias opiniões a respeito do mundo a sua volta.

#### **4.1 A importância da leitura para introduzir uma compreensão e interpretação textual**

No decorrer de nossa vida, depois que aprendemos a ler não paramos mais, ao acordar, ao tomar café, ao sair de casa, ao chegar ao trabalho, ao pegar as crianças na escola, ao passear na rua, em todos os lugares e em todos os momentos estamos praticamente sempre lendo. Em uma sociedade essencialmente grafocêntrica quais são as implicações de não saber ler e escrever?

A leitura não só faz parte das nossas vidas como de nós, do nosso íntimo. Quando lemos aprendemos, nos disciplinamos, nos alegamos, nos entristecemos, nos desafiamos, nos revoltamos, enfim emoções, ensinamentos, informações, experiências sem fim. Sobrino (2000, p.31) diz que “o ato de ler, longe de ser mecânico, é uma operação que envolve a totalidade da pessoa: inteligência e vontade, fantasia e sentimentos, passado e presente”.

A leitura é muito importante, por isso que a escola, os professores a incentivam desde pequenos, através dela há crescimento e desenvolvimento. Sendo importante quando criança,

ainda mais quando nos tornamos jovens, adultos com várias responsabilidades, por isso a necessidade de conscientizar a importância do ler e propagar o desenvolvimento deste ato.

No entanto, esta leitura tem que estar acompanhada pela compreensão e interpretação textual. Compreensão é segundo Marcuschi (2011, p.89-90):

Sabemos como é importante nos entendermos bem no dia a dia, seja no diálogo com outras pessoas ou na leitura de textos escritos. Da má-compreensão podem surgir desavenças e acabarem namoros; podemos perder amigos e dinheiro, sofrer acidentes e até deixar de conseguir um emprego. Não parece necessário argumentar em favor da relevância do estudo da compreensão, mas é útil lembrar aspectos relacionados ao tema. Em primeiro lugar, sempre que produzimos algum enunciado desejamos que ele seja compreendido, mas nunca exercemos total controle sobre o entendimento que esse enunciado possa vir a ter. Isto se deve à própria natureza da linguagem que não é transparente, nem funciona como fotografia da realidade. Em segundo lugar, a interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre leitor-texto-autor ou ouvinte-texto-falante, podem ocorrer desencontros. A compreensão é também um exercício de convivência sociocultural.

Marcuschi, exemplifica muito bem como é essencial compreender o que lemos, o que falamos. Uma compreensão errada causa vários problemas e ainda, quando as pessoas não conseguem compreender, acabam ficando acomodadas e aceitam tudo que vier, sem questionar ou refletir.

O conceito de interpretação é ainda maior, está nas entrelinhas. E esta interpretação é posterior à compreensão, por isso da necessidade da compreensão e interpretação ser explorada pelo professor de maneira simultânea. Aguiar (2009, p.2) explica que:

Vive-se em uma sociedade letrada, em que a aquisição da leitura e da escrita é condição fundamental para o acesso a uma cidadania plena. Atividades cotidianas que utilizem leitura e escrita parecem simples e mecânicas para quem já é alfabetizado, mas são extremamente complexas para os demais.

A leitura é uma das expressões sociais mais antigas e importantes da sociedade. Segundo Cardoso (1986) a leitura é uma prática que sofreu e sofre grandes mudanças. Desde seus primeiros passos até a atualidade, transformou-se e transformou a sociedade. É um tema amplo e a ela estão relacionados muitos elementos, como a língua, a letra, a linguagem, a literatura, a escrita, o autor, o leitor, o livro, a escola, as condições de produção, de comercialização, de divulgação e de aceitação. Ainda através da leitura podemos analisar o valor econômico, o poder, a transformação, a classe social, a acessibilidade, atividades e funções sociais desempenhadas, a memória; entre tantos outros. Não há como não relacionar a leitura a esses fatores, entretanto, é preciso traçar uma linha de condução para a leitura, a fim

de o principal tópico deste trabalho não perca seu foco.

A leitura, o ato de ler é muito importante e essencial para cada etapa de nossa vida. Já dizia Freire (2009, p.87) “O nosso Povo não se formará na passividade, mas na ação sempre em unidade com o pensamento. [...] Daí a nossa preocupação em desafiar os camaradas a pensar, a analisar a realidade”. Então, há uma necessidade de instigar a leitura em todos os níveis de educação e, principalmente, nos adultos, pois são esses que fazem a sociedade, porque se não leitura, muito pouco haverá compreensão e interpretação textual, ou seja, mais pessoas pacíficas ao que acontece em seu mundo, sem senso crítico e de mudança.

Mesmo criança, lemos as imagens, que não deixa de ser uma leitura importante. A leitura sempre existiu mesmo quando nem havia livros escritos, e o que havia era a oralidade, a contação de histórias e de causos. Mesmo assim, lá estava a leitura implícita, nos lábios de quem falava e no entender do outro.

Segundo Gonçalves (2010, p.25):

O advento da escrita trouxe para a sociedade uma nova forma de expressar suas representações. Através do texto, essas representações passam para um modelo mais concreto e duradouro, no sentido de registro, favorecendo a reflexão que proporcionou, e ainda proporciona à humanidade uma concepção mais elucidadora de si e do mundo em que está inserida.

A leitura está presente em cada momento, desde que tomamos consciência e permanecerá até nosso último suspiro, pois é algo essencial para nosso viver. Carvajal Pérez e Ramos García (2001, p. 49), ressaltam que a leitura:

É um instrumento útil para aprender de modo significativo, assim como para aproximar os alunos (e todos os seres humanos) da cultura – ou múltiplas culturas – para aumentar a própria cultura e, sobretudo, para desenvolver um tipo particular de raciocínio reflexivo.

Raciocínio reflexivo, a leitura nos dá condições para isso. Por isso a necessidade da leitura, a busca em ler sobre novos assuntos, em ler para poder escrever sobre algo, em ler para desenvolver sua inteligência.

A prática da leitura envolve uma série de questões que transcendem o processo de somente ler. Dominar o código da língua escrita é o começo para a compreensão do significado de um texto. Entender um texto envolve além da decodificação do código linguístico a mobilização de um campo de competências específico ao tema lido. Envolve a capacidade de compreender e interagir com os diferentes gêneros textuais que estão postos na

sociedade contemporânea. O indivíduo letrado consegue entender uma charge, uma piada, um anúncio de jornal, enfim, consegue se relacionar nos mais diferenciados contextos sociais, interagindo com discursos escritos e orais que estão postos no mundo, a nossa volta. (QUIOSSA, 2009).

Para o analfabeto funcional, o que citamos acima fica a desejar, pois ele muitas vezes faz a leitura – decodificação das palavras – mas muitas vezes não consegue se apropriar do conteúdo da leitura e fazer inter-relações entre o que lê e o contexto social. De acordo com Wood Junior (2013, p.1):

A condição de analfabeto funcional aplica-se a indivíduos que, mesmo capazes de identificar letras e números, não conseguem interpretar textos e realizar operações matemáticas mais elaboradas. Tal condição limita severamente o desenvolvimento pessoal e profissional. O quadro brasileiro é preocupante, embora alguns indicadores mostrem uma evolução positiva nos últimos anos.

É nisso, que está o impasse, pois é necessário, ler, compreender e interpretar para que haja uma interação social. Bakhtin (1992, p.125) declarou:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Assim não podemos permitir que nossos estudantes tenham um simples ato de ler, mas que através de cada leitura haja um raciocínio, uma interpretação, algo que os ajuda em suas vidas pessoais, sociais e profissionais.

Os processos de leitura e escrita utilizam-se da palavra, para estabelecer relações com mundo exterior e com o outro. Significa se relacionar com o texto, com o mundo, ampliando o vocabulário, se contrapondo ou concordando com tudo que há no que lemos (QUIOSSA, 2009).

Também, percebe-se nas escolas uma leitura focada nos textos escritos do livro didático, o que prejudica o lado crítico do aluno, que não consegue depois lidar com um novo gênero textual que aparece em sua vida. Se o professor não levar o aluno a conhecer os diferentes gêneros textuais, como esse aluno terá acesso a isso?

Os pesquisadores europeus se posicionaram, segundo Godeny, Pereira E Saito (2008):

Contrários à utilização da tipologia clássica (narração, descrição e dissertação) para

o desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura, considerando-a inadequada para uma ação pedagógica voltada ao desenvolvimento de competências comunicativas amplas, uma vez que não contempla o escopo social dos textos, baseia-se apenas na sua organização textual. A tipologia clássica não dá conta das inúmeras práticas sócio-discursivas de nossa sociedade.

Deixando de lado a tipologia textual como enfoque do texto e passando a trabalhar os diferentes gêneros textuais presentes na sociedade, o professor ajudará seus alunos a desenvolverem suas habilidades linguísticas de forma mais adequada. Consoante Godeny, Pereira E Saito (2008):

Atividades em sala de aula, em que o aluno é inserido a contextos e práticas de linguagem significativas, podem colaborar para que uma grande transformação ocorra. Transformação essa que ultrapassará os muros das escolas, influenciando também as práticas sociais.

Os alunos precisam entender o que são gêneros e que esses são infinitos. De acordo com Godeny, Pereira E Saito (2008):

Os gêneros textuais que são práticas textuais vinculados à vida social, entidades sócio-discursivas e formas de ação social fazem parte da situação comunicativa. Surgem lado a lado às necessidades interacionais. Nesse sentido, há, constantemente, uma explosão de gêneros.

Trabalhar com gêneros textuais poderá tornar as aulas mais interessantes e significativas, porque o aluno vai se sentir próximo daquele “conteúdo”, na mente dele, ele vai ser capaz de entender, porque ele já vê o gênero, tem contato com isso. Faz o aluno voltar a gostar do texto em si, pois não vê mais aquele texto longo sem entendimento, mas já vê um texto (gênero textual) que ele conhece e já entende, ainda que sem grandes detalhes.

Bakhtin (1992, p. 129) afirma: Os gêneros textuais são importantes, em primeiro lugar, pelo simples fato de que não nos comunicamos através de modalidades retóricas, nem mesmo através de textos em geral, mas sim através de gêneros textuais específicos.

O gênero textual facilita a compreensão e a interpretação textual. A compreensão textual vai além de simplesmente ler frases, mas passa a acontecer reflexões com relação ao que foi lido. Na concepção de Kleiman (2004, p. 151):

Ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela prever o conteúdo, maior será sua compreensão; é ensinar a criança a se auto avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – linguísticas, discursivas, enciclopédicas [...] é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo [...]. Isso implica em ensinar não

apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência.

Compreender e interpretar não são habilidades presentes em nossa sociedade, as pessoas tem tido dificuldade nisso, porque há no ensino esse déficit, ensina-se muito gramática e isso causa uma certa resistência por parte dos alunos e até uma falta de paciência e vontade para começar a compreender e interpretar os diferentes gêneros textuais. O aluno prefere ficar no mínimo que ele entende, do que se arriscar a entender coisas diferentes, talvez porque os professores também por muito tempo ficaram no mínimo. Rangel (2012, p.9) propõe:

Uma forma de desenvolver estudos baseados em gêneros seria aplicando as diferentes estratégias de leitura, explorando as características e os recursos linguísticos e extralinguísticos que constituem cada gênero [...] Além disso, a investigação de certos parâmetros de textualização como coesão, coerência, escolhas lexicais e gramaticais seriam de extrema relevância à compreensão do funcionamento da própria linguagem bem como do gênero. Assim, acredita-se que os aprendizes produziram textos com maior facilidade, pois teriam como base seus próprios textos, ou ainda, gêneros que veiculam no próprio lar ou na sociedade. Esses elementos poderiam promover um maior interesse dos alunos, aumentar sua potencialidade para produzir textos variados com determinadas formas, função e argumentos convincentes e escritos com objetivos reais, pois se estaria priorizando situações reais e contextualizadas de língua, que privilegia o aspecto sócio interativo da linguagem no processo de ensino-aprendizagem, o que seria natural, por isso, mais significativo.

Para Bakhtin (1997), quando o indivíduo utiliza a língua, sempre o faz por meio de um tipo de texto ainda que possa não ter consciência disso; em outras palavras, ao selecionar um tipo de gênero textual ele está dando o primeiro passo a ser seguido na construção do elo comunicativo.

## **5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Diante das leituras realizadas, de autores como: Koch, Marcuschi, Machado, Bakhtin, Kleiman e outros, buscamos desenvolver com os alunos do PROEJA não apenas simples leitores, mas leitores críticos, que conseguem identificar e agir diante de diferentes gêneros textuais presentes na escola e no dia a dia.

Quando proporcionamos a leitura de um texto ao aluno, ou até os levamos a ler, como atividade avaliativa, percebemos que até há uma boa aceitabilidade do texto pelo aluno. O aluno gosta do texto em si, mas quando se depara com as tradicionais “Perguntas sobre o

texto”, todo o trabalho, toda a magia do texto cai por terra, porque estas perguntas já se tornaram maçantes, cansativas e algo mecânico. Não há nada de compreensão e interpretação em perguntas que suas respostas estão descritas totalmente no texto.

Os alunos estão cansados desta prática texto-pergunta que é explorada pela escola há muito tempo. Por isso, a importância de buscar práticas pedagógicas diferenciadas. O gênero textual surgiu como uma forma de envolver o aluno de forma prática. O professor, por exemplo, pode trabalhar com o gênero textual: panfletos de propagandas. Ao trazer panfletos de propagandas para a sala de aula e começar a questionar: a finalidade; se há um verdadeiro desconto nas mercadorias ou estão, somente, persuadindo ao cliente; quais as formas de pagamento e aí por diante; o aluno passa a vivenciar o ensino em algo que faz parte dele, da sua vida fora das quatro paredes da sala de aula, logo o ensino começa a ser mais prático e o resultado mais significativo.

De acordo com Koch (1998) o texto deixa de ser entendido como um produto, passando a ser um meio de entendimento da escrita e da leitura. Os textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, assim voltamos a ver o texto como uma atividade verbal de interação e não apenas de aspectos gramaticais.

Assim, a partir deste entendimento de que o texto não é uma estrutura pronta e acabada, há a necessidade de trabalhá-lo na perspectiva do gênero textual, para envolver diferentes formas de textos: os escritos e os falados. O trabalho começa acontecer quando o professor leva ao aluno diferentes gêneros (poemas, jornais, revistas, contas de luz e água, panfletos, histórias em quadrinhos, cartazes, músicas, anúncios de rádio, bilhetes e tantos outros) e começa a refletir sobre suas características e trabalha com elas. A partir deste trabalho de mostrar o gênero e suas características, a tendência é o aluno do PROEJA conseguir não somente ler ou escrever, mas interpretar, compreender e interagir com os diferentes gêneros textuais presentes na sociedade.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho compreendeu que uma das melhores formas de trabalhar a leitura e a escrita é por meios dos gêneros textuais. Esses contribuem para uma interação social do aluno com o mundo. Permitir o conhecimento de diferentes gêneros textuais aos educandos do PROEJA, possibilita ao aluno a oportunidade de não somente ler, mas conseguir interpretar e

compreender os textos presentes em sua sociedade. Marcuschi (2011, p.95) afirma que “Compreender é, essencialmente, uma atividade de relacionar conhecimentos, experiências e ações em um movimento interativo e negociado”.

Além de possibilitar a leitura crítica, a escrita libertadora, trabalhar com os gêneros textuais, também é, uma forma de respeitar cada indivíduo, pois os nossos educandos não são leitores uniformes, mas cada um carrega suas particularidades, gostos e preferências. Um aluno pode detestar trabalhar com o gênero textual - poemas, mas quando o professor trazer o jornal, esse aluno pode se sentir cativado.

Freire (2009, p. 11) já afirmava que o “[...] processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Marcuschi (2011, p. 102) explica que “o conhecimento do léxico de uma língua é apenas uma condição necessária, mas não suficiente para a compreensão de um texto”.

Consoante Cagliari (2002, 56):

Nunca é demais lembrar que a sala de aula deve ser uma oficina em que as pessoas trabalham fazendo, refazendo, melhorando. Desenvolver atividades de escrita, sobretudo espontânea, e de leitura – em todas as suas formas – é um caminho suave para que professores e alunos se entendam e alcancem seus objetivos.

As palavras de Cagliari coincidem com o que o estudo apontou. Não podemos, como educadores, explorar a leitura e a escrita somente enquanto conceito, algo fechado, mas proporcionar aos nossos educandos do PROEJA o desenvolvimento dessas práticas pedagógicas. Desenvolvimento este que pode acontecer com êxito por meio dos gêneros textuais.

Trabalhar com os gêneros textuais mudará a vida do sujeito do PROEJA quando este no seu dia a dia conseguir ajudar o filho no tema de casa; quando ler um contrato e entender; ao pegar um folheto de uma propaganda e compreender os reais benefícios e valores do que está exposto; ao conseguir escrever um bilhete; quando souber redigir um requerimento e tantos outros exemplos básicos do dia a dia. A oportunidade de levar os nossos alunos do PROEJA ao conhecimento de um vasto número de gêneros textuais que não permeiam só a escola, mas o seu dia a dia, o seu mundo os levará a um desenvolvimento efetivo de sua compreensão, interpretação textual e interação social.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Paula Alves de. **Leituras de alfabetizados da EJA: práticas de letramento em construção.** Florianópolis: UFSC, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador.** São Paulo: EDUC, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: **Coletânea de textos didáticos.** Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: Senado, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Documento Base.** Brasília, 2007<sup>a</sup>.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e ortografia.** Educar em Revista, n. 20, Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- CARDOSO, Miguel Esteves. **A causa das coisas.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1986.
- CAVAJAL PÉREZ, F.; RAMOS GARCÍA, J. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI: O minidicionário da Língua Portuguesa.** 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam.** 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GODENY, Juliana; PEREIRA, Liliane; SAITO, Cláudia L. N. **Por que ensinar a partir da Teoria dos Gêneros Textuais.**  
Disponível em:  
<[http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005\\_g/2005/textos/019.html](http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/019.html)>. Acesso em: 30 abr. 2010.
- GONÇALVES, Lilia Aparecida Costa. **A leitura e as novas formas de ler: um breve**

histórico. Rio de Janeiro: Unigranrio, 2010.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: São Paulo, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: Livro e literatura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Ângela P. Dionísio. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Compreensão textual com trabalho criativo**. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

MICHAELIS. **Michaelis: dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

PONTECORVO, C. As práticas de alfabetização escolar: ainda é válido o falar bem para escrever bem. In: FERREIRO, E. et al. **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

QUIOSSA, Amanda Sangy. **Leitura e escrita: procesos que permeiam a história ensinada**. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 107-117.

RAMOS, Elenita Eliete de Lima; BREZINSKI, Maria Alice Sens. **Legislação Educacional**. Florianópolis: IFSC, 2014.

RANGEL, Eliane de Fátima Manenti. **Estratégias de leitura e gêneros textuais na formação do leitor crítico**. Santa Maria: UNIFRA, 2012.

SOBRINO, Javier Garcia. **A criança e o livro: a aventura de ler**. Porto: Porto Editora, 2000.

SOUZA FILHO, Marinho Celestino de; CUNHA, Geremias Dourado da. **Breve história da leitura e da escrita**. Paraná: CEULJI/ULBRA, 2009.

WOOD JUNIOR, Thomaz. **Analfabetismo Funcional**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/758/analfabetismo-funcional-6202.html>> Acesso em: 16 jul 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura no Brasil: sua história e suas instituições**. 2012 Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>> Acesso em: 30 jan 2014.

ZWIEREWICZ, Marlene. **Projetos de Pesquisa e Intervenção I**. Florianópolis: Instituto Federal de Santa Catarina -IFSC, 2014.